

Observatório da Bovinocultura de Corte: uma agenda analítica para a pecuária do Sul

Júlio Otávio Jardim Barcellos^{1,3}, Gabriel Ribas Pereira¹, Alexandre Costa Varella², Eduardo Antunes Dias¹, Vinícius do Nascimento Lampert², Fernando Flores Cardoso², Thomaz Zara Mércio¹, Silvio Renato Oliveira Menegassi¹, Ana Paula Steiner Leães¹

¹NESPRO – Departamento de Zootecnia – Faculdade de Agronomia – UFRGS - Porto Alegre – RS – Brasil, ²EMBRAPA PECUÁRIA SUL – Bagé – RS – Brasil, ³E-mail: julio.barcellos@ufrgs.br

1. Um novo contexto da bovinocultura de corte

A cadeia produtiva da carne bovina tem papel estratégico na economia dos estados do Sul do Brasil, por constituir uma série de macroatividades e por interligar-se a vários outros segmentos de negócios. Dentro desta cadeia, o segmento apresenta baixo grau de inovação em processos e produtos com a evidente perda de participação econômica. Como agravante, tem sido demonstrada uma expansão da agricultura, particularmente a soja em zonas de pecuária, o que produz novas relações intersetoriais e a migração da bovinocultura de corte para terras mais difíceis de explorá-las. Vale dizer que esta “agriculturização” incorpora elementos de risco, pois expande a soja ou outros cultivos agrícolas em zonas climaticamente não apropriadas, o que pode tornar o produtor rural mais dependente ainda de sua pecuária. Associado a isto, particularmente no RS, a integração pecuária:arroz na região da campanha e fronteira oeste, também enfrenta dificuldades em função de conjunturas de preços internacionais do arroz, elevação de custos da lavoura ou do próprio modelo produtivo adotado.

No contexto regional a produção de carne está alicerçada nas raças britânicas e suas cruzas e esta é praticamente destinada aos mercados internos e, uma parcela mínima, à exportação ou venda aos estados do Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo especialmente. Dessa forma, pelo equilíbrio entre a produção e a demanda interna, são reduzidas as oportunidades de agregação de valor, seja pela exportação ou até mesmo pelo suprimento dos nichos de mercado no centro do país. Além disso, é frequente a entrada de carnes de outros estados, com preços inferiores, no varejo estadual, o que deprime o preço pago ao produtor e inviabiliza muitos investimentos no setor.

No RS, a produção é predominante no modelo pastoril sustentado pelas pastagens nativas do Bioma Pampa e no melhoramento com a introdução de espécies cultivadas para melhoria dos *déficits* estacionais de forragens ou ainda pela suplementação com coprodutos da agricultura. Contudo, em qualquer das situações, há uma dependência dos efeitos climáticos para a implementação dessas estratégias de melhorias, pois há uma baixa frequência ou irregularidades de chuvas que ocorre na região e, por outro lado, a baixa capacidade de armazenamento de água dos solos. Tudo isto potencializado pelas mudanças climáticas que dificultam a readaptação dos genótipos bovinos predominantes, dado o aumento das temperaturas médias da região e o surgimento de novos agentes promotores de estresses. Assim, a combinação desse conjunto de variáveis tem contribuído para os baixos índices de produtividade e de eficiência na maioria das empresas agropecuárias. Desta forma, é crível afirmar que há uma evidente perda de competitividade interna e externa da bovinocultura de corte do RS, já que seus elementos não dependem mais de fatores sistêmicos – escala e custo de produção. Eles passam obrigatoriamente pela intensificação da atividade, melhorias dos processos e aumento de produtividade. Adicionalmente, há a necessidade premente de inovação de produtos, novos métodos de produção e capacitação de recursos humanos capazes de melhorar a eficiência tecnológica e os resultados econômicos do negócio. Finalmente, salienta-se a necessidade de trabalhar melhor a imagem e informação sobre os produtos pecuários, buscando conquistar a preferência do consumidor e a diferenciação dos produtos em relação a outras regiões do País. No entanto, todo esse impacto apresenta diferentes magnitudes à medida que se analisa o ciclo de produção da pecuária, já que estudos demonstram que a cria tem sido e será a atividade mais vulnerável aos elementos abordados anteriormente e que exigem ações estruturais e de inovação mais amplas. Assim, é possível estabelecer que o processo de produção de terneiros é, sem dúvida, aquele em que os investimentos no conhecimento científico e tecnológico serão prioritários para a recuperação da competitividade da bovinocultura de corte.

Para isto, é necessário o monitoramento da dinâmica com que tudo isso ocorre no setor da pecuária de corte frente as suas eventuais variações no espaço geográfico, no tempo e frente aos efeitos conjunturais externos, pois poderão ser necessários um novo ordenamento de conhecimento científico e tecnológico aos seus agentes e novas atitudes pelo empreendedor. Além disso, a organização do conjunto de dados e informações da bovinocultura disponíveis, suas interpretações e disponibilização à cadeia produtiva da carne são essenciais neste novo cenário.

Neste sentido, observa-se uma lacuna de atuação das instituições no que se refere ao permanente monitoramento, atualização, interpretação e análise dos cenários que potencialmente podem influenciar os rumos da pecuária de corte do sul do Brasil. Para atender a esta demanda, tem-se início a criação de um *Observatório da Pecuária de Corte do RS*, por meio de ações conjuntas entre o NESPRO/UFRGS & EMBRAPA PECUÁRIA SUL, voltadas para o desenvolvimento de um sistema de informações e análises conjuntas que disponibilizem indicadores da pecuária, dados de comercialização, custos, preços, estatísticas de rebanho, dinâmica da ocupação do território e análise conjuntural envolvendo todos os segmentos que influenciam a cadeia. Tudo isso será disponibilizado através de um Informativo Conjunto (NESPRO/EMBRAPA), fornecendo subsídios aos diferentes agentes da cadeia produtiva, além de servir como orientador para políticas públicas e agendas institucionais.

2. As primeiras análises e suas interpretações

O rebanho, como base para a produção de carne, é estimado ao redor das 13 milhões de cabeça atualmente tendo experimentado um crescimento médio anual de 1,2% nos últimos seis anos (Figura 1). É possível afirmar que o rebanho bovino de corte cresceu levemente, a o mesmo tempo que a área disponível para pecuária tenha sido reduzida pela ocupação de outras atividades, como as agrícolas. Esse crescimento tem sido produzido pelo aumento da produtividade da cria, especialmente a partir de 2010, o que significa uma melhora na eficiência reprodutiva do rebanho (Figura 2). Além disso, o cenário de preços pagos pelo boi gordo e a demanda crescente por carneiros, nesse período, favoreceu a retenção de matrizes e a cria na atividade.

O balanço entre os nascimentos e o abate, aqui definido como superávit da cria (Figura 3), aumentou de 20% para 43% nos últimos 6 anos. Esse indicador é importante para projetar a estrutura de rebanho e as tendências de disponibilidade de carneiros para posterior abates e a consequente produção de carne no Estado. Como a taxa de abate tem se mantido constante nos últimos anos e os nascimentos crescidos em torno de 4,3% ao ano, mantidas as condições atuais de produção é crível afirmar que nos próximos anos haverá uma maior oferta de animais para abate no RS.

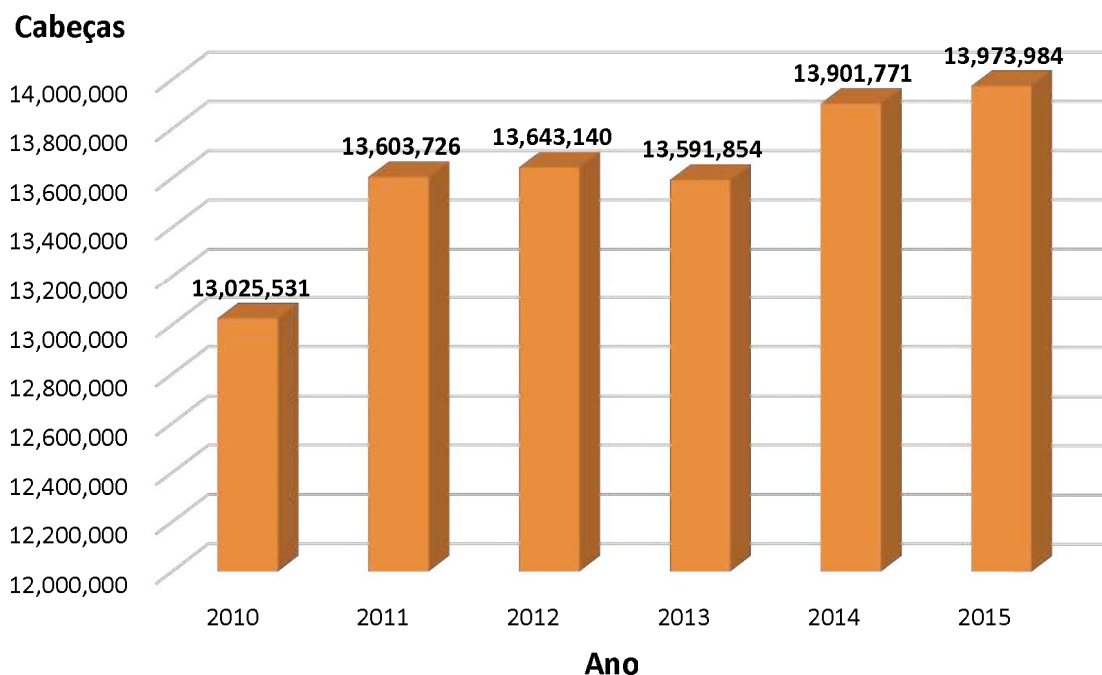


Figura 1. Rebanho de bovinos do Estado do Rio Grande do Sul dos últimos 6 anos
 Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

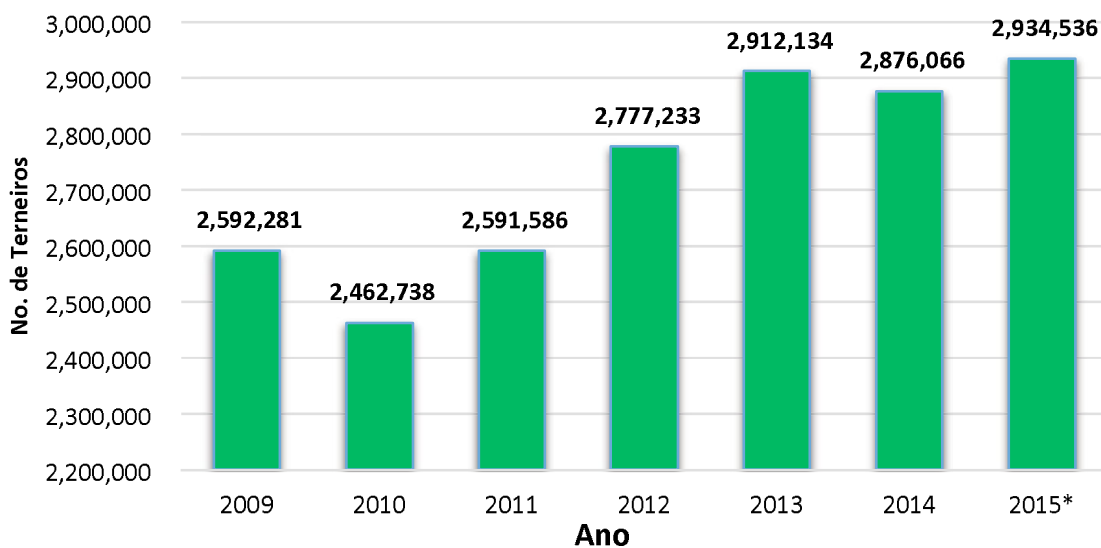


Figura 2. Número de terneiros declarados nos últimos anos no Estado do Rio Grande do Sul dos últimos 7 anos. *Estimativa. Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

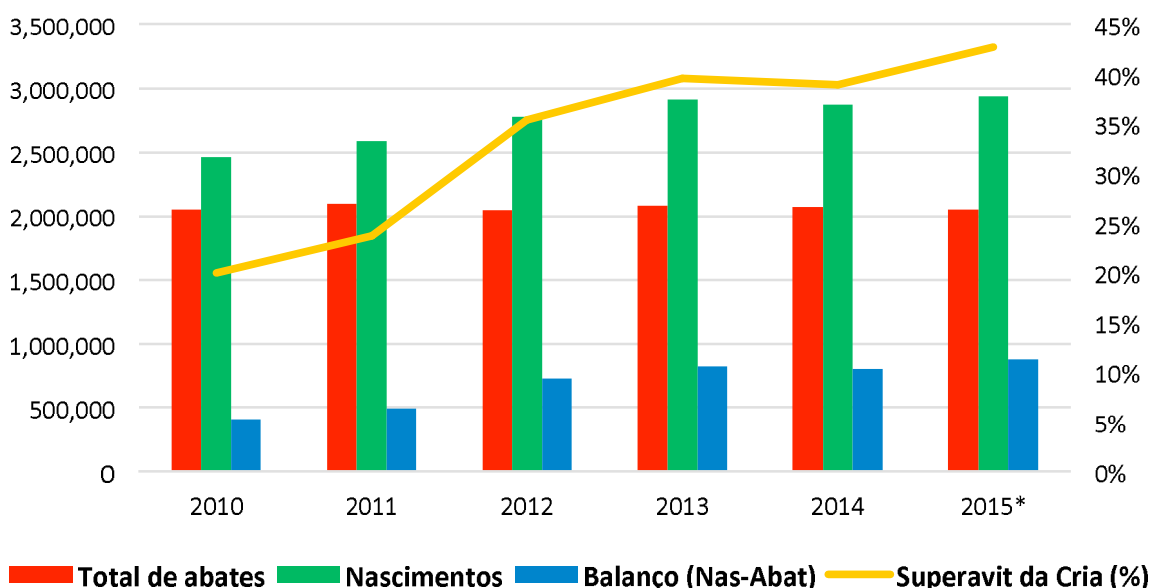


Figura 3. Superávit da cria nos últimos anos em relação aos abates no Estado do Rio Grande do Sul conforme o ano * - Estimativa. Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

Os abates são distribuídos em plantas subordinadas aos três sistemas de inspeção, municipal, estadual ou federal. O total de animais abatidos tem se mantido praticamente constante nos últimos anos, em torno de 2,05 milhões de cabeças. Isto gera uma produção em torno de 450 mil toneladas de carne (Em equivalente carcaça).

A partir do ano de 2011 dá início a maior participação nos abates pelos frigoríficos com inspeção estadual em relação aos federais. Nos últimos dois anos, a participação dos frigoríficos estaduais cresceu, sendo que em 2014 abateram 51% dos bovinos e em 2015 a estimativa é de 56%. Os frigoríficos com inspeção federal perderam 3 pontos percentuais no ano de 2015 em relação a 2014. Esses números demonstram a consolidação da rede de frigoríficos com atuação apenas dentro do Estado e uma grande concorrência pelos animais para abate. Por outro lado, pode demonstrar uma certa fragilidade nas indústrias frigoríficas habilitadas para exportação, fato que pode ser importante nos próximos anos no RS, pois o crescimento do rebanho poderá exigir a comercialização de carne em outros estados ou fora do país.

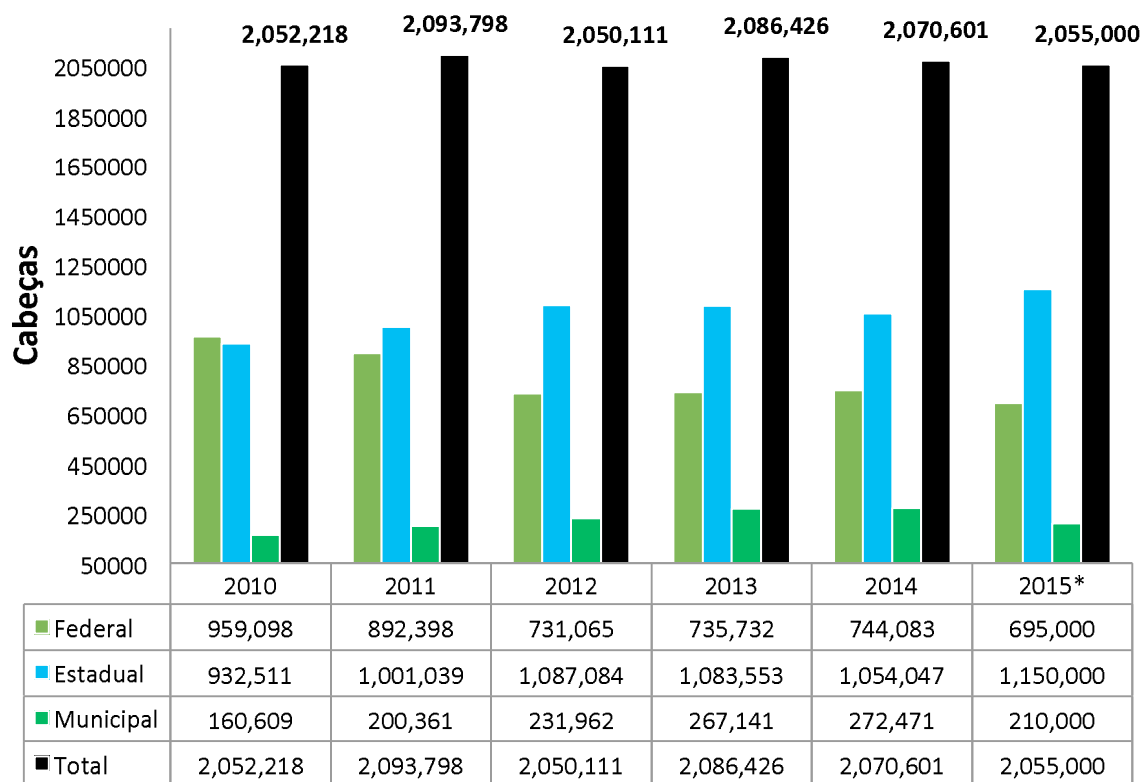


Figura 4. Abates de bovinos segundo o tipo de inspeção sanitária nos últimos anos no Estado do Rio Grande do Sul. *Estimativa. Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

O Rio Grande do Sul está dividido em sete mesorregiões, conforme classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estas mesorregiões possuem características de produção agropecuária que remontam ao início da concessão de terras no Estado, destacando-se que na atual mesorregião sudoeste, houve concessão de sesmarias. Nestas sesmarias, a pecuária era a principal atividade econômica, favorecida pela oferta abundante de pastagens naturais. Os imigrantes, “colonos” europeus, ocuparam pequenas áreas de terras na atual mesorregião noroeste, dando origem a propriedades de pluriatividade agrícola. As mesorregiões com maiores populações bovinas demonstram que existe uma pequena variação entre os anos de 2010 a 2013 para a população de bovinos declarada no RS (Tabela 1), e é claramente visível a existência de mesorregiões que concentram o rebanho do Estado.

Tabela 1. Rebanho bovino declarado na Declaração Anual de Rebanho a SEAPA por mesorregião, entre os anos de 2010 a 2014.

Mesorregião	Ano					Média
	2010	2011	2012	2013	2014	
Sudoeste	4.366.750	4.585.257	4.584.286	4.670.279	4.729.248	4.587.164
Noroeste	2.598.869	2.755.963	2.867.311	2.874.593	2.848.545	2.789.056
Sudeste	2.011.383	2.126.480	2.033.289	1.822.567	2.023.153	2.003.374
Centro Ocidental	1.514.243	1.560.384	1.600.861	1.611.496	1.658.830	1.589.163
Metropolitana	952.914	956.778	973.220	981.599	998.453	969.782
Nordeste	854.503	865.681	845.017	874.662	887.106	865.394
Centro Oriental	726.869	753.183	739.156	756.658	770.491	749.271
Total	13.025.531	13.603.726	13.643.140	13.591.854	13.901.771	13.466.064

Fonte: Leães, A. P. 2015 – Dados Dissertação Mestrado – PPG Agronegócios – UFRGS.

É importante ressaltar a assimetria de informações sobre a cadeia produtiva da bovinocultura de corte e de leite, pois não se tem informações confiáveis sobre o efetivo dos rebanhos conforme a especialidade. Os dados apresentados na tabela 2, referentes à aptidão “mista” e “não informados”, são inconsistentes e representam 35% do rebanho do RS.

Tabela 2. Distribuição percentual do rebanho do Rio Grande do Sul, conforme finalidade declarada na Declaração Anual de Rebanho a SEAPA.

Mesorregião	Corte	Leite	Misto	Não Informado	Trabalho/Tração
Sudoeste	77,7%	1,0%	6,4%	14,9%	0,1%
Sudeste	53,4%	2,5%	19,0%	24,8%	0,2%
Centro Ocidental	56,1%	1,4%	19,6%	22,7%	0,2%
Noroeste	26,3%	33,7%	33,8%	6,1%	0,1%
Metropolitana	57,1%	2,8%	31,6%	8,2%	0,2%
Nordeste	45,0%	15,3%	32,0%	7,3%	0,4%
Centro Oriental	32,7%	10,1%	50,5%	6,1%	0,5%
Rio Grande do Sul	55,3%	9,6%	21,3%	13,7%	0,2%

Fonte: Leães, A. P. 2015 – Dados Dissertação Mestrado – PPG Agronegócios – UFRGS.

A mesorregião Sudoeste possui o maior rebanho bovino entre todas, sendo composto em 77,7% por animais declarados com a finalidade de corte, como evidenciado pela Tabela 2, não havendo nenhuma outra mesorregião que chegue a este percentual – a mais próxima é a metropolitana, com 57% de bovinos declarados como de corte. A mesorregião Noroeste, com o segundo maior rebanho bovino, tem apenas 26% de bovinos declarados como de corte e um equilíbrio de distribuição entre bovinos de corte, leite e misto. Isto vai ao encontro da ocupação histórica do Estado do RS, e, em parte, explica como a maior concentração atual de matadouros-frigoríficos nas mesorregiões sudoeste e sudeste do Estado. A produção de charque estimulou a construção das charqueadas próximas da mesorregião que mais concentrava o rebanho de corte, uma vez que o produto final possui um peso menor que a matéria-prima, e o custo com frete é um importante constituinte do custo total de produção. O desenvolvimento da indústria da carne bovina no RS seguiu esta premissa, com a instalação de grandes plantas na mesorregião sudoeste e sudeste, buscando também o escoamento da produção pelos portos,

Outro aspecto importante é a sazonalidade dos abates no Estado do RS. Através da Figura 5, observa-se que as mesorregiões Noroeste e Centro Ocidental iniciam o aumento nos abates a partir de junho, atingindo um pico em outubro, como resultado do crescimento do sistema de engorda em áreas de pastagens integradas com os cultivos agrícolas de verão, em particular a soja e o milho. Na mesorregião Sudoeste ocorre o mesmo comportamento, contudo com um mês de atraso, ou seja, nos meses de julho a novembro. Esta mesorregião tem dois picos de abate (março e novembro), como resultado da maior participação do campo nativo melhorado no processo de engorda dos animais. As demais regiões apresentam um comportamento de abate similar ao longo do ano, com exceção da região metropolitana, onde predominam terras baixas e que ficam alagadas principalmente entre junho e setembro.

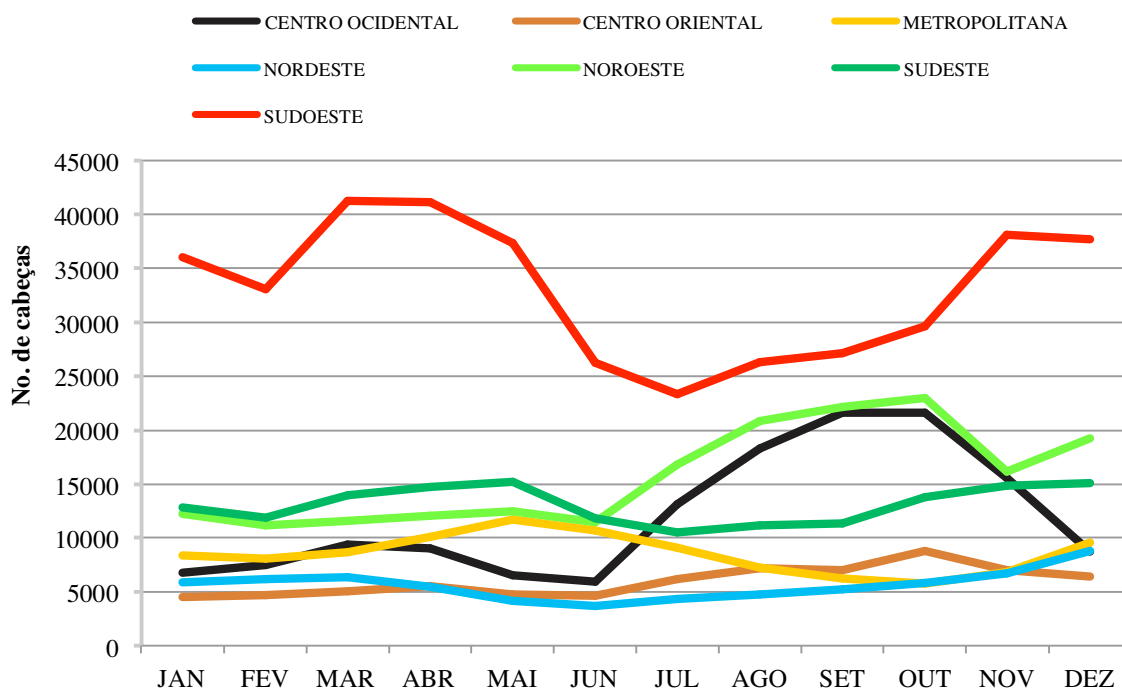


Figura 5 – Mesorregião de origem dos machos abatidos no período de 2012-2014
 Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

Outra análise interessante refere-se ao comportamento de preços ao produtor pela carne bovina. Na figura 6, é possível observar que o preço do boi cresceu nos últimos cinco anos no RS. Esse crescimento também foi acompanhado pelo preço pago pela vaca gorda. Contudo, até o ano de 2012 havia períodos em que a diferença de preço entre o boi e a vaca apresentava variações ao longo do ano. De um modo geral, na segunda metade do ano as diferenças entre o preço

pago pelo boi e a vaca diminuía, podendo chegar nos últimos dois meses do ano numa superioridade de apenas 5%. Contudo, nos últimos dois anos, as diferenças oscilaram entre 9 e 11%, portanto, sem uma variação relevante e mais favorável a vender fêmeas numa determinada época. Esses dados apontam para um fenômeno que pode indicar uma leve desvalorização da carne oriunda de vacas e um descolamento do preço do boi. À medida que os programas de carnes de qualidade e com marca avancem e a exigência dos consumidores se acentue, é possível que a diferença entre o preço destas duas categorias aumente ainda mais. No entanto, em momentos de alta demanda, essas diferenças continuarão, pois o frigorífico compra vacas com deságio em relação ao boi e vende a carcaça pelo mesmo preço deste.

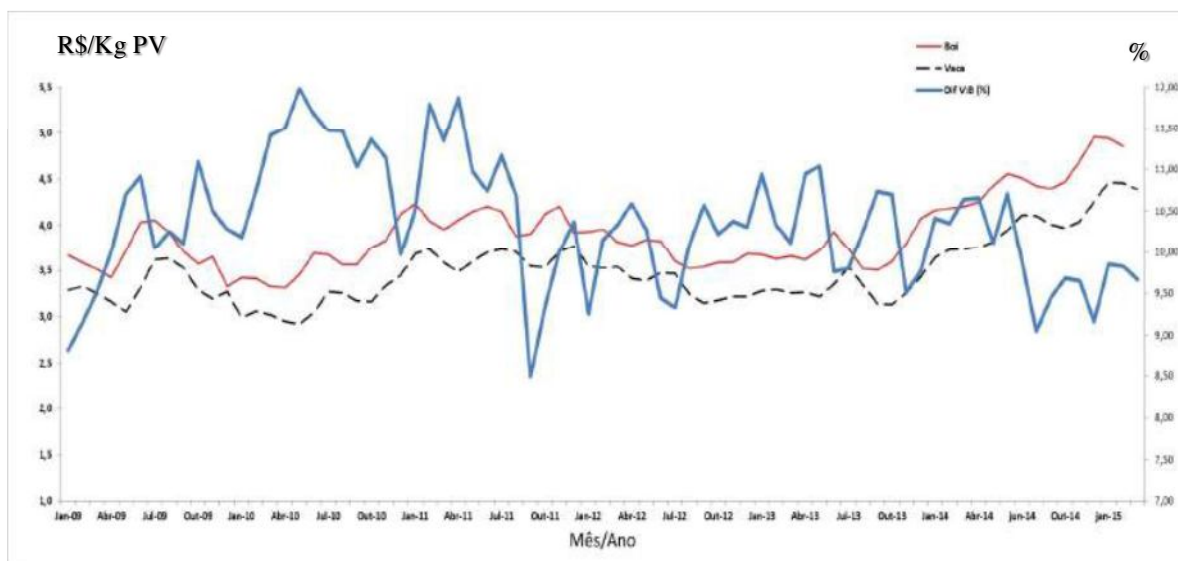


Figura 6. Variação do preço pago pelo boi e pela vaca nos últimos anos conforme o mês do ano e a diferença (%) entre essas categorias. Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

Observa-se que o preço médio do quilo vivo do boi gordo, corrigido pelo IGP para setembro de 2015 foi de R\$ 3,85 nos últimos cinco anos (Figura 7). Neste período de análise, ocorreram dois momentos de variações negativas relevantes: um no primeiro semestre do ano, representado pelos meses de março, abril e maio, típicos da safra histórica de carne no RS; um segundo momento ocorre nos meses de setembro e outubro, decorrentes de uma outra “safrinha”, consequência da super oferta de gado originado das pastagens de inverno, oriundas da integração com a soja na região noroeste ou sudoeste do Estado. No mês de maio, por exemplo, o preço do quilo vivo do boi diminuiu aproximadamente 3,0% em relação à média anual, enquanto em outubro 2,2%. De outra parte, a tradicional entressafra, quando

se verificava um sobre preço considerável da carne no RS, nos últimos anos, tornou-se mais moderada, sendo que o pico de maior valorização ocorreu no mês julho quando o quilo vivo alcançou aproximadamente 5,0% de valorização em relação ao preço médio. Portanto, considerando as variações ocorridas entre maio e julho, conclui-se que a opção por comercializar boi gordo neste último período, significaria agregar aproximadamente 8,0% no valor do produto. Este tipo de análise pode auxiliar a tomada de decisões de produtores em relação aos investimentos e planejamento da alimentação dos rebanhos, buscando os períodos de maior valorização da carne bovina no mercado.

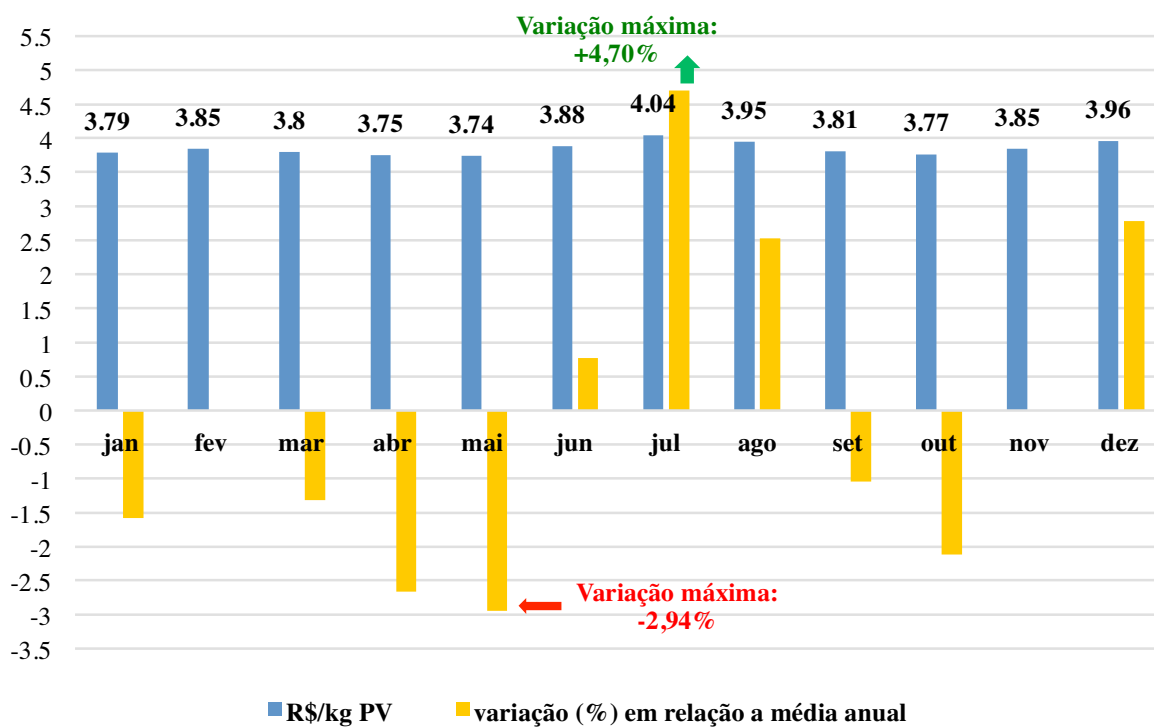


Figura 7. Valores corrigidos do preço do boi gordo (R\$/kgPV) no período de 2009-2014 e variação (%) em relação ao preço médio anual (R\$ 3,85), Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

A taxa de abate de fêmeas tem se mantido, nos últimos 4 anos, entre 44 e 50% em relação aos machos no RS (Figura 8). O principal direcionador para essa flutuação é o preço do boi. Na medida em que ocorre um aumento no preço do boi, os pecuaristas retêm um pouco mais de matrizes e diminui a taxa de abate de fêmeas valorizando a cria. Por outro lado, uma sinalização de desvalorização do boi frente aos custos de produção tende a levar o pecuarista a investir menos no sistema de produção e a abater mais fêmeas para fechar suas contas.



Figura 8. Taxa de abate de fêmeas em relação aos machos e o preço do boi no período de 2010 a 2014. Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

A estrutura do rebanho de corte do RS está constituída por 50% de fêmeas com mais de dois anos de idade, portanto, aptas para a reprodução. Vale dizer que aqui também estão incluídas as vacas de descarte. Esses 50% representam aproximadamente 6.600.000 matrizes (Figura 9; fêmeas com mais de 24 meses), das quais 1.000.000 são abatidas anualmente. Dessa forma restam 5.600.000 aptas para a reprodução, as quais geraram cerca de 2.876.666 terneiros em 2014, o que equivale a uma taxa de desmama de 51,0%. Esses números podem trazer alguma imprecisão, pois o depende da declaração informada pelo produtor, da participação do gado de leite e das categorias classificadas equivocadamente. Contudo, demonstra a oportunidade e a necessidade aumentar a eficiência dos sistemas de cria no Estado e evidencia uma grande assimetria nas informações, a qual precisa ser corrigida.

A composição dos machos evidencia que ainda resta um contingente importante de machos com mais de 36 meses de idade, o que eleva a idade média de abate dos machos no RS. Evidentemente nesta categoria também estão incluídos os touros adultos (aproximadamente 180.000 touros) que devem ser deduzidos desta interpretação. Contudo ainda é representativo a proporção de bovinos machos mais velhos na estrutura do rebanho do RS, indicando uma ineficiência dos sistemas de produção. Exemplificando, significa que, para abater um boi acima de 36 meses, é necessário ocupar uma área equivalente a duas ou mais categorias de machos mais novos (13-24 meses) na propriedade, o que reduz a produtividade por unidade de área no sistema e a velocidade de giro do capital.

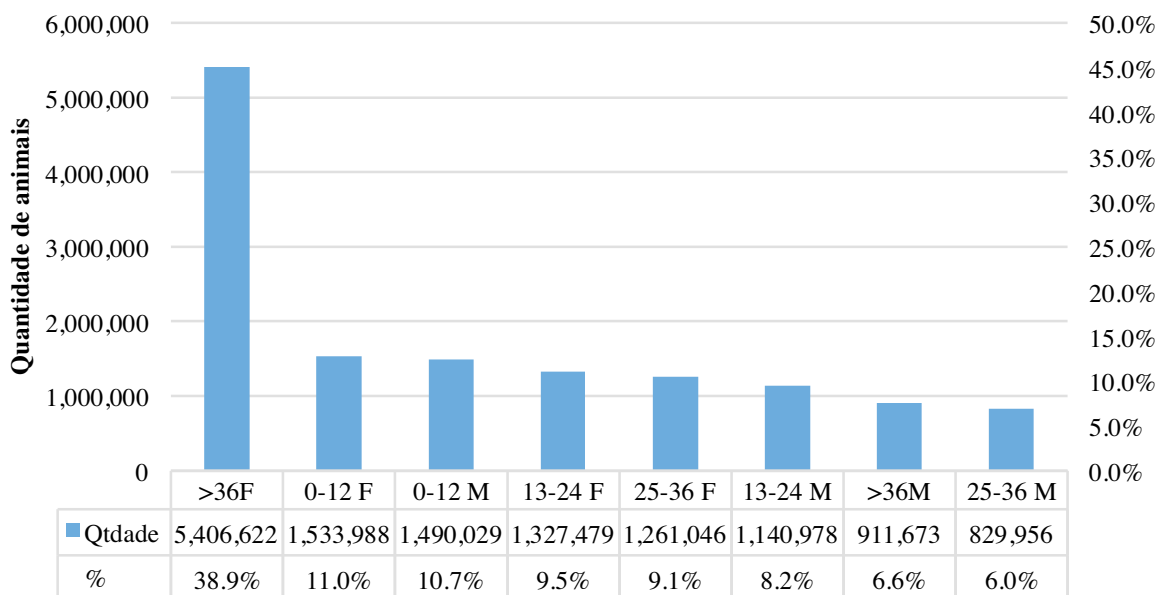


Figura 9. Estrutura do rebanho bovino do RS, conforme a categoria, no ano de 2014. Fonte: Consolidação NESPRO/EMBRAPA PECUÁRIA SUL, 2015.

3. O que vem pela frente

3.1 Os apontamentos estratégicos

✓ A interferência do homem em uma nova atividade depende de externalidades. Portanto, a reconversão das atividades agropecuárias é mais complexa do que outras atividades econômicas.

✓ Os ciclos da natureza e das ações humanas podem ser reversíveis. Assim, podem ocorrer migrações intra territoriais da pecuária, fato que já aconteceu em décadas passadas.

✓ Os rebanhos bovinos de corte mantem-se estável, mas as estatísticas já estão demonstrando uma maior taxa de crescimento em algumas regiões.

✓ A classificação do rebanho pela aptidão corte x leite pode interferir nas estimativas produtivas, portanto é fundamental um sistema de coleta de dados que retrate com precisão a estrutura detalhada dos rebanhos.

✓ A estrutura do rebanho, em categorias, está equilibrada e, embora existente, há uma redução significativa na categoria machos com mais de 3 anos de idade nos últimos anos.

- ✓ As regiões sudoeste e sudeste detém aproximadamente 70% do rebanho de corte, onde a integração lavoura-pecuária e o melhoramento do campo nativo estão assumindo papéis essenciais.
- ✓ O norte do RS e a região central apresentam relativamente cada vez menos bovinos, fruto da ocupação agrícola intensa e da estrutura fundiária. Em termos absolutos houve um aumento de 0,6% do rebanho.
- ✓ As regiões de maior população bovina apresentam proporcionalmente um maior número de matrizes, o que caracteriza uma cria consolidada.
- ✓ Com a tendência de aumento do superávit da cria e da taxa de desmame, conjugadas a maior participação da agricultura nas propriedades pecuárias nos próximos anos, haverá a necessidade de aumentar a capacidade de suporte das pastagens, particularmente durante o verão.
- ✓ A taxa de nascimentos cresceu significativamente nos últimos três anos, demonstrando o potencial de produção e a consolidação de práticas tecnológicas e de manejo no sistema.
- ✓ As opções de abate para o pecuarista são diversificadas geograficamente e conforme o tipo de inspeção. No entanto, 60% dos abates ocorrem em apenas 20 frigoríficos.
- ✓ O parque industrial está acima da oferta de gado para abate o que determina que aproximadamente 50% das 400 plantas frigoríficas permaneçam fechadas em alguns períodos do ano. Além disso, questões relacionadas com a legislação e com as normas sanitárias também contribuem para esse quadro.
- ✓ O perfil de abate não configura mais um fenômeno intenso de safra e entre safra, sendo que o eixo de maior oferta de gado gordo está sendo deslocado para o início do segundo semestre do ano, fruto da maior intensificação com forrageiras de inverno em áreas de integração lavoura-pecuária e do melhoramento do campo nativo.
- ✓ A venda de gado em pé para o exterior ou fora do RS representa menos de 3% dos abates o que por si só não influencia o preço interno do gado gordo. No entanto, cria um clima favorável para a venda de animais de recria e estimula a qualificação do rebanho.

✓ A venda de carne do RS para outros Estados é modesta e ocorre principalmente para SC, PR, RJ e SP. Além disso, uma pequena parcela, aproximadamente 20 mil toneladas, é vendida ao exterior, particularmente na forma de enlatados e subprodutos.

✓ Os indicadores de produtividade e de eficiência da pecuária gaúcha evoluíram consideravelmente nas últimas décadas, mas ainda persistem bovinos machos acima de 36 meses na estrutura do rebanho e imprecisões das estatísticas populacionais que diluem os dados médios de desempenho da pecuária do RS.

✓ Os resultados econômicos da atividade pecuária estão associados às conjunturas relacionadas à escala de produção e aos custos.

✓ É visível a existência de duas pecuárias no RS: uma que evolui rapidamente em eficiência e qualidade e outra que entra em decadência por questões de escala, assistência técnica e desorganização da produção. A existência destas pecuárias não está necessariamente correlacionada à estrutura fundiária, sistema alimentar ou à mesorregião.

✓ Os sistemas vigentes estão inseridos dentro dos principais sistemas de produção, mas a pecuária de ciclo completo e de cria ainda predominam no Estado

✓ Mesmo nos extratos de pecuária mais avançada, 40% dos pecuaristas não estão conseguindo elevar renda por questões básicas, tais como a inadequada utilização de tecnologias, a falta de foco e gerenciamento da atividade e baixa cooperação entre os segmentos produção-indústria-mercado.

✓ Na pecuária avançada, a gestão dos recursos humanos e o controle de custos têm sido as principais variáveis para a sobrevivência e crescimento na atividade.

✓ A origem familiar, a apropriação do conhecimento aplicado e o capital disponível, associados com a prática do fazer (empreendedorismo), são direcionadores para usar melhores tecnologias.

✓ O repositório tecnológico para a bovinocultura de corte do RS é suficiente para a obtenção de melhores resultados e de forma mais compartilhada.

✓ As tecnologias disponíveis não estão gerando sequer 50% dos resultados esperados e isso tem gerado uma descrença em muitas delas.

✓ A assistência técnica e a extensão rural especializada em pecuária de corte são insuficientes em recursos humanos, mal distribuída geograficamente e carece de organização e investimentos.

✓ Muitas tecnologias de processos têm sido empregadas apenas em situações de emergência e/ou contingência, resultando numa baixa eficácia.

✓ A transferência de tecnologia tem usado métodos ineficazes e não relaciona a sua adoção com resultados econômicos previsíveis.

✓ Pelas características da pecuária gaúcha, de operações que dependem do saber tácito e a descontinuidade na transferência de aprendizados, há uma lacuna significativa de pessoas capacitadas e com habilidades para a maioria das atividades.

✓ A mão de obra tem sido a principal causa da ineficiência do uso da tecnologia, pois é o principal fator de risco para o sucesso.

✓ Os altos preços da soja e a chegada de novos arrendatários, associados a agricultura com recursos próprios por alguns pecuaristas, resultou numa expansão da cultura na região da Campanha do RS, influenciando a estrutura produtiva e o tamanho do rebanho.

✓ A pecuária de corte do RS tem alta liquidez, pois é deficitária em relação a demanda de carne local. Contudo, ainda não está quantificado o efeito da entrada de carne de outros estados.

✓ As margens para aumentar a produtividade e o resultado econômico representam grandes oportunidades e elas dependem mais de mudanças estruturais e de comportamento do que conjunturais.

✓ É notório que existem sistemas pecuários mais adequados do que outros para determinadas características regionais, do pecuarista e do mercado. Apenas adequando o sistema e estas particularidades, pode-se gerar melhorias econômicas consideráveis.

✓ A recria especializada deverá ser uma das opções para o futuro naquelas regiões com dificuldades de mão de obra para cria, com potencial de engorda e escassez de solos agricultáveis.

✓ As mudanças de sistemas produtivos não deverão ser bruscas ou imediatistas, com base unicamente na conjuntura do momento.

- ✓ A divisão de mão de obra com outras atividades dentro da unidade de produção, por meio da integração e diversificação será fundamental.
- ✓ As tecnologias e sistemas que estão poupando recursos ambientais e oferecendo serviços ecossistêmicos serão em breve valorizadas e remuneradas.
- ✓ Reservatórios de água, planejamento e conservação de forragem e acúmulo de coprodutos da agricultura serão importantes para períodos de escassez alimentar e de eventos climáticos desfavoráveis.
- ✓ Aumentar o peso dos animais de abate e dos carneiros por hectare, de forma a aproveitar o potencial de crescimento, é um dos caminhos para o aumento da produtividade.
- ✓ A formação de alianças entre produtores para fornecer carneiros, novilhos para engorda e reprodutores deverá ser um caminho.
- ✓ A implantação de uma cultura organizacional na pecuária e a capacitação do pecuarista para a execução das atividades serão direcionadores do futuro.
- ✓ Identificar tecnologias mais inovadoras que as já empregadas e que melhoram a eficácia dos processos e priorizar sua transferência e adoção nos sistemas produtivos.

4. Uma agenda integrada

A assimetria de informações existente na pecuária tem dificultado a organização e coordenação do setor. Um esforço através de ações entre diferentes instituições poderá contribuir para a geração e disponibilização de informações que auxiliem o setor produtivo e a elaboração de políticas públicas.

Neste sentido, surge o observatório, o qual será construído e consolidado de forma gradual a partir da execução e amadurecimento de etapas fundamentais neste processo (Figura 10). A primeira fase refere-se a coleta, processamento e disponibilização de informações úteis ao setor produtivo. Esta é uma etapa preparatória para segunda fase que envolve a estruturação e organização de dados da cadeia produtiva. A terceira e última fase envolve a utilização prática desse conhecimento gerado num contexto de gestão de territórios.

Observatório – NESPRO / EMBRAPA PECUÁRIA SUL

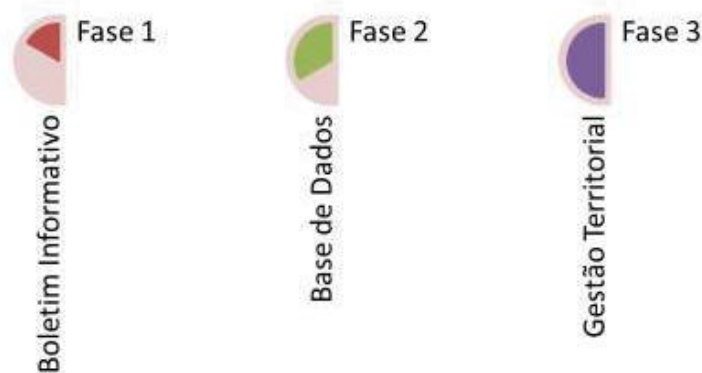


Figura 10 – Fases para construção e consolidação do observatório da cadeia produtiva de bovinos de corte para o Rio Grande do Sul.

A estrutura que sustentará o observatório envolve três aspectos: público-alvo (1), fonte de dados (2) e parcerias (3). As parcerias vão além da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NESPRO/UFRGS) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA PECUÁRIA SUL). Os dados serão oriundos de projetos de pesquisa em programas de pós-graduação coordenados pelo NESPRO e por projetos coordenados pela Embrapa Pecuária Sul. Ambas instituições já têm iniciativas alinhadas em andamento na forma de projeto que visam coletar, organizar informações, elaborar instrumentos de auxílio à tomada de decisão e disponibilização desses resultados à públicos-alvo específicos (Figura 11). Os produtos gerados devem ter foco e atender públicos e demandas de informação específicas.

2 tipos de produtos

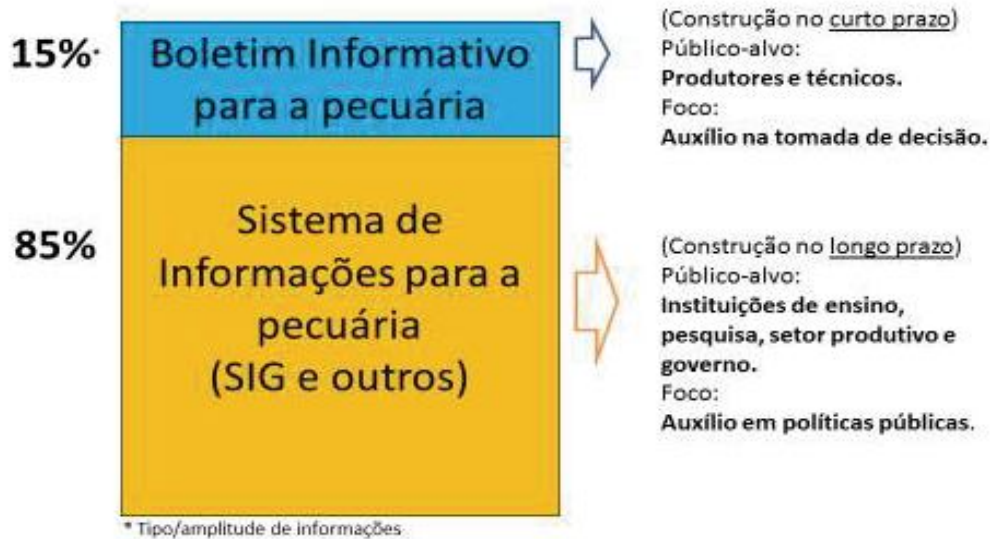


Figura 11 – Público-alvo, foco e tipos de produtos gerados com a parceria.

As etapas de construção são interligadas por uma linha de tempo que une instituições e que acumula informações e constrói conhecimentos úteis para o setor (Figura 12). O observatório não é rígido, estanque e imutável. Estará sempre em processo de transformação buscando atender demandas, prospectar tendências e antever problemas para que a pesquisa e suas parcerias consigam identificar e solucionar problemas antes que eles se tornem óbvios.

A Visão do Observatório

(espaço-temporal)

